

Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Saúde Pública e Saúde Coletiva: Dialogando sobre Interfaces Temáticas 5



Benedito Rodrigues da Silva Neto
(Organizador)

Saúde Pública e Saúde Coletiva:
Dialogando sobre Interfaces Temáticas 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S255	Saúde pública e saúde coletiva [recurso eletrônico] : dialogando sobre interfaces temáticas 5 / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Saúde Pública e Saúde Coletiva. Dialogando Sobre Interfaces Temáticas; v. 5) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-599-0 DOI 10.22533/at.ed.990190209 1. Política de saúde. 2. Saúde coletiva. 3. Saúde pública. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da. II. Série. CDD 362.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Saúde Pública e Saúde Coletiva: Dialogando sobre Interfaces Temáticas” é uma obra composta de cinco volumes que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. Cada volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da saúde pública e saúde coletiva.

No último volume reunimos trabalhos com reflexo na residência multiprofissional em saúde, bem-estar, envelhecimento, humanização, SUS, desenvolvimento de produtos, psicologia da saúde; ação política, cultura corporal, educação física, esgotamento profissional, licença médica. saúde do trabalhador, prazer, sofrimento dentre outros diversos que acrescentarão ao leitor conhecimento aplicado às interfaces temáticas da saúde.

Vários fatores são necessários para se entender o indivíduo na sua integralidade, assim correlação de cada capítulo permitirá ao leitor ampliar seus conhecimentos e observar diferentes metodologias de pesquisa e revisões relevantes para atualização dos seus conhecimentos.

Deste modo finalizamos a obra Saúde Pública e Saúde Coletiva com a certeza de que o objetivo principal direcionado ao nosso leitor foi alcançado. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Benedito Rodrigues da Silva Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INSERÇÃO DA FISIOTERAPIA NA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE DA UFPI	
Ester Martins Carneiro	
Luana Gabrielle de França Ferreira	
José Ivo dos Santos Pedrosa	
DOI 10.22533/at.ed.9901902091	
CAPÍTULO 2	7
A SAÚDE PÚBLICA, A DROGADIÇÃO E A INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA	
Rogério Pereira de Sousa	
José Henrique Rodrigues Stacciarini	
DOI 10.22533/at.ed.9901902092	
CAPÍTULO 3	27
ABORDAGEM INTERATIVA E INTEGRATIVA SOBRE QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA: WHOQOL-BREF, WHOQOL-OLD E A PERCEPÇÃO PESSOAL DO INTERNO	
Lourenço Faria Costa	
Naralaine Marques Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.9901902093	
CAPÍTULO 4	43
AUTISMO E O CONSUMO DE ÁCIDO FÓLICO POR GESTANTES	
Carina Scanoni Maia	
Karina Maria Campello	
Fernanda das Chagas Angelo Mendes Tenorio	
Juliana Pinto de Medeiros	
Ana Janaina Jeanine Martins de Lemos	
José Reginaldo Alves de Queiroz Júnior	
Gyl Everson de Souza Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.9901902094	
CAPÍTULO 5	55
AVALIAÇÃO DA RESISTÊNCIA MECÂNICA DO MEDICAMENTO DE REFERÊNCIA E GENÉRICO: LOSARTANA POTÁSSICA + HIDROCLOROTIAZIDA	
Thaiane Vasconcelos Carvalho	
Jeniffer Vasconcelos de Lira	
Andressa Ponte Sabino	
Ana Edmir Vasconcelos de Barros	
Ana Cláudia da Silva Mendonça	
Iara Laís Lima de Sousa	
Débora Patrícia Feitosa Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.9901902095	

CAPÍTULO 6 63

CARDÁPIOS DE UM RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DO NORDESTE BRASILEIRO: ANÁLISE DO CONTEÚDO ENERGÉTICO E DE NUTRIENTES

Lucélia da Cunha Castro
Joyce Sousa Aquino Brito
Conceição de Maria dos Santos Sene
Jaudimar Vieira Moura Menezes
Sueli Maria Teixeira Lima
Camila Maria Simplício Revoredo
Maria do Socorro Silva Alencar
Martha Teresa Siqueira Marques Melo
Suely Carvalho Santiago Barreto

DOI 10.22533/at.ed.9901902096

CAPÍTULO 7 75

CIRCUNSTÂNCIAS ASSOCIADAS AO SUICÍDIO: DEPOIMENTOS DE PROFISSIONAIS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL TIPO II

Mayara Macedo Melo
Rosane da Silva Santana
Francisco Lucas de Lima Fontes
Cidianna Emanuely Melo do Nascimento
Alan Danilo Teixeira Carvalho
Maria da Cruz Silva Pessoa Santos
Josélia Costa Soares
João Marcio Serejo dos Santos
Keila Fernandes Pontes Queiroz
Ilana Isla Oliveira
Nayra Iolanda de Oliveira Silva
Samaira Ferreira de Lira

DOI 10.22533/at.ed.9901902097

CAPÍTULO 8 84

COMPOSTOS BIOATIVOS E ATIVIDADE ANTIOXIDANTE DO INGÁ-AÇU (*Inga cinnamoma*)

Jucianne Martins Lobato
Stella Regina Arcanjo Medeiros
Carmy Celina Feitosa Castelo Branco
Joilane Alves Pereira-Freire
Rita de Cássia Moura da Cruz
Francisco das Chagas Leal Bezerra
Clécia Maria da Silva
Regina de Fátima Moraes Reis
Marco Aurélio Araújo Soares
Beatriz Borges Pereira

DOI 10.22533/at.ed.9901902098

CAPÍTULO 9 92

CUIDANDO DE QUEM CUIDA: TRABALHO EM EQUIPE MULTIPROFISSIONAL PARA PROMOÇÃO DE SAÚDE NO HOSPITAL

Nívia Madja dos Santos Silva
Alessandra Cansanção de Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.9901902099

CAPÍTULO 10 104

DESENVOLVIMENTO DE MASSA DE PIZZA ENRIQUECIDA COM FARINHA DO MARACUJÁ AMARELO (*Passiflora edulis f. flavicarpa*)

Débora Mayra Dantas De Sousa
Jéssica Silva Gomes
Nara Vanessa dos Anjos Barros
Ennya Cristina Pereira dos Santos Duarte
Bruna Barbosa de Abreu
Paulo Víctor de Lima Sousa
Gleyson Moura dos Santos
Joyce Maria de Sousa Oliveira
Marilene Magalhães de Brito
Maiara Jaianne Bezerra Leal Rios
Adolfo Pinheiro de Oliveira
Regina Márcia Soares Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.99019020910

CAPÍTULO 11 116

DIÁLOGOS EM SALA DE ESPERA: O FORTALECIMENTO POLÍTICO DO ESPAÇO PÚBLICO

Barbara Maria Turci
Eliane Regina Pereira

DOI 10.22533/at.ed.99019020911

CAPÍTULO 12 127

DISBIOSE INTESTINAL E O USO DE PROBIÓTICOS PARA O TRATAMENTO NUTRICIONAL

Aryelle Lorrane da Silva Gois
Daniele Rodrigues Carvalho Caldas
Maysa Milena e Silva Almeida
Ana Paula De Melo Simplício
Iana Brenda Silva Conceição
Vanessa Machado Lustosa
Fátima Karina Costa de Araújo
Liejy Agnes Dos Santos Raposo Landim
Amanda Marreiro Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.99019020912

CAPÍTULO 13 139

EDUCAÇÃO FÍSICA E O PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: CONSOLIDANDO APROXIMAÇÕES

Elisângela de Araujo Rotelli
Hellen Cristina Sthal
Cátia Regina Assis Almeida Leal
Amauri Oliveira Silva
Sarah Felipe Santos e Freitas

DOI 10.22533/at.ed.99019020913

CAPÍTULO 14 151

EXERCÍCIO FÍSICO: EFEITOS NO TRATAMENTO DA FIBROMIALGIA

Givanildo de Oliveira Santos
Rhalfy Wellington dos Santos
Renan de Oliveira Silva
José Igor de Oliveira Silva

DOI 10.22533/at.ed.99019020914

CAPÍTULO 15 159

FATORES ASSOCIADOS À QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES COM NEOPLASIA MAMÁRIA

Raquel Vilanova Araujo
Viriato Campelo
Inez Sampaio Nery
Ana Fátima Carvalho Fernandes
Márcia Teles de Oliveira Gouveia
Grace Kelly Lima da Fonseca
Regina Célia Vilanova Campelo

DOI 10.22533/at.ed.99019020915

CAPÍTULO 16 172

GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS DOS MUNICÍPIOS DE SALVADOR-BA E CURITIBA-PR E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE PÚBLICA

Adriano Braga dos Santos
Anderson Souza Viana
Fernando Braga dos Santos
Evellym Vieira
Luciano Garcia Lourenção

DOI 10.22533/at.ed.99019020916

CAPÍTULO 17 185

IMPACTOS DO TRABALHO LABORAL NA SAÚDE MENTAL DE AGENTES PENITENCIÁRIOS DE ACARAÚ, CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO

Antonio Rômulo Gabriel Simplicio
Maria Suely Alves Costa

DOI 10.22533/at.ed.99019020917

CAPÍTULO 18 197

INTERMUTABILIDADE ENTRE FORÇA DE MEMBROS INFERIORES E SUPERIORES EM IDOSAS

Samia Maria Ribeiro
Angélica Castilho Alonso

DOI 10.22533/at.ed.99019020918

CAPÍTULO 19 211

O ESTRESSE OXIDATIVO NA OTOSCLEROSE: NOVOS PARÂMETROS E PERSPECTIVAS

Klinger Vagner Teixeira da Costa
Kelly Cristina Lira de Andrade
Aline Tenório Lins Carnaúba
Fernanda Calheiros Peixoto Tenório
Ranilde Cristiane Cavalcante Costa
Luciana Castelo Branco Camurça Fernandes
Thaís Nobre Uchôa Souza
Katianna Wanderley Rocha
Dalmo de Santana Simões
Pedro de Lemos Menezes

DOI 10.22533/at.ed.99019020919

CAPÍTULO 20	217
PANORAMA DE ATUAÇÃO DO CENTRO COLABORADOR EM ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO ESCOLAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ	
<p> Elizabeth Maciel de Sousa Cardoso Cecília Maria Resende Gonçalves de Carvalho Ennya Cristina Pereira dos Santos Duarte Marize Melo dos Santos </p>	
DOI 10.22533/at.ed.99019020920	
CAPÍTULO 21	223
PERCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM SOBRE GÊNERO	
<p> Ilza Iris dos Santos Francisco Hélio Adriano Kalyane Kelly Duarte de Oliveira Maria Alcione Oliveira da Silva Chaves Erison Moreira Pinto Renata de Oliveira da Silva </p>	
DOI 10.22533/at.ed.99019020921	
CAPÍTULO 22	236
PRESBIACUSIA E ANTIOXIDANDES: UM ESTUDO SOBRE POSSIBILIDADES PREVENTIVAS	
<p> Klinger Vagner Teixeira da Costa Kelly Cristina Lira de Andrade Aline Tenório Lins Carnaúba Fernanda Calheiros Peixoto Tenório Ranilde Cristiane Cavalcante Costa Luciana Castelo Branco Camurça Fernandes Thaís Nobre Uchôa Souza Katieanne Wanderley Rocha Dalmo de Santana Simões Pedro de Lemos Menezes </p>	
DOI 10.22533/at.ed.99019020922	
CAPÍTULO 23	244
PROGRAMA ACADEMIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DO SUDOESTE DE GOIÁS	
<p> Amauri Oliveira Silva Sarah Felipe Santos e Freitas Cátia Regina Assis Almeida Leal Elisângela de Araujo Rotelli Hellen Cristina Sthal </p>	
DOI 10.22533/at.ed.99019020923	
CAPÍTULO 24	254
QUALIDADE DE VIDA DO TRABALHADOR: ESTRESSE E MOTIVAÇÃO NO COTIDIANO	
<p> Camila Mabel Sganzerla </p>	
DOI 10.22533/at.ed.99019020924	

CAPÍTULO 25 266

RAZÃO CÁLCIO/ MAGNÉSIO DIETÉTICO E SUA RELAÇÃO COM MARCADORES DO DANO MUSCULAR EM PRATICANTES DE MUAY THAI

Lourrane Costa de Santana
Yasmin de Oliveira Cantuário
Bruna Emanuele Pereira Cardoso
Alana Rafaela da Silva Moura
Ana Raquel Soares de Oliveira
Jennifer Beatriz Silva Morais
Loanne Rocha dos Santos
Larissa Cristina Fontenelle
Stéfany Rodrigues de Sousa Melo
Tamires da Cunha Soares
Dilina do Nascimento Marreiro
Kyria Jayanne Clímaco Cruz

DOI 10.22533/at.ed.99019020925

CAPÍTULO 26 279

RELAÇÃO ENTRE MAGNÉSIO PLASMÁTICO E ÍNDICES DE OBESIDADE ABDOMINAL EM MULHERES OBESAS

Kyria Jayanne Clímaco Cruz
Ana Raquel Soares de Oliveira
Mickael de Paiva Sousa
Diana Stefany Cardoso de Araujo
Thayanne Gabryelle Visgueira de Sousa
Loanne Rocha dos Santos
Jennifer Beatriz Silva Morais
Stéfany Rodrigues de Sousa Melo
Larissa Cristina Fontenelle
Gilberto Simeone Henriques
Carlos Henrique Nery Costa
Dilina do Nascimento Marreiro

DOI 10.22533/at.ed.99019020926

CAPÍTULO 27 290

RELAÇÃO ENTRE ZINCO PLASMÁTICO E ÍNDICES DE ADIPOSIDADE ABDOMINAL EM MULHERES OBESAS

Ana Raquel Soares de Oliveira
Kyria Jayanne Clímaco Cruz
Mickael de Paiva Sousa
Diana Stefany Cardoso de Araujo
Thayanne Gabryelle Visgueira de Sousa
Loanne Rocha dos Santos
Jennifer Beatriz Silva Morais
Stéfany Rodrigues de Sousa Melo
Larissa Cristina Fontenelle
Gilberto Simeone Henriques
Carlos Henrique Nery Costa
Dilina do Nascimento Marreiro

DOI 10.22533/at.ed.99019020927

CAPÍTULO 28	301
REPERCUSSÕES DO TRABALHO NA SAÚDE MENTAL DE USUÁRIOS DE UM SERVIÇO ESPECIALIZADO	
Márcia Astrês Fernandes Iara Jéssica Barreto Silva Francisca Ires Veloso de Sousa Hellany Karolliny Pinho Ribeiro Márcia Teles de Oliveira Gouveia Aline Raquel de Sousa Ibiapina	
DOI 10.22533/at.ed.99019020928	
CAPÍTULO 29	313
SÍNDROME DO ESGOTAMENTO PROFISSIONAL: ANÁLISE DOS AFASTAMENTOS LABORAIS	
Márcia Astrês Fernandes Laís Silva Lima Nayana Santos Arêa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.99019020929	
CAPÍTULO 30	324
TRABALHO E RISCO DE ADOECIMENTO: UMA ANÁLISE NO SETOR DE LICITAÇÃO DE UMA PREFEITURA DO SUDOESTE BAIANO	
Leila Natálya Santana Vilas-Boas da Silva Patrícia Fernandes Flores Gustavo Mamede Sant'Anna Xará Wilson Pereira dos Santos Ricardo Franklin de Freitas Mussi	
DOI 10.22533/at.ed.99019020930	
CAPÍTULO 31	336
VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA	
Francisca Maria de Souza Brito Carvalho Laena Barros Pereira Marlanne Cristina Silva Sousa Radames Coelho Nascimento Rosa Maria Rodrigues da Silva Thaynara Costa Silva Teresa Rachel Dias Pires	
DOI 10.22533/at.ed.99019020931	
CAPÍTULO 32	357
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ENFERMAGEM	
Cristiane Lopes Amarijo Aline Belletti Figueira Aline Marcelino Ramos Alex Sandra Ávila Minasi	
DOI 10.22533/at.ed.99019020932	

CAPÍTULO 33 368

VIOLÊNCIA E DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS EM AGENTES DE SEGURANÇA PENITENCIÁRIA DO SEXO FEMININO NO BRASIL

Thalyta Gleyane Silva de Carvalho

Danilo Nogueira Maia

Swelen Cristina Medeiros Lima

Francisca Ascilânya Pereira Costa

Ligia Regina Sansigolo Kerr

Marcelo José Monteiro Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.99019020933

SOBRE O ORGANIZADOR..... 381

ÍNDICE REMISSIVO 382

DIÁLOGOS EM SALA DE ESPERA: O FORTALECIMENTO POLÍTICO DO ESPAÇO PÚBLICO

Barbara Maria Turci

Uberlândia – MG

Eliane Regina Pereira

Instituto de Psicologia - Universidade Federal de
Uberlândia – IPUFU

RESUMO: O conceito de política predominante no mundo moderno é perpassado por uma burocrática institucionalização e pelo consequente afastamento do cotidiano das pessoas e de suas relações. O presente trabalho busca nos conceitos de Hannah Arendt uma análise de trechos de rodas de conversa de promoção de saúde realizadas na sala de espera de uma Unidade Básica de Saúde de uma cidade do interior de MG, oferecendo uma visão alternativa da política e pensando-a como inseparável do espaço público e das relações nele presentes. Pensar sobre os diálogos presentes no grupo nos faz perceber como a ação política acontece: no livre diálogo dos participantes; no repensar das próprias relações; e na reflexão sobre conceitos naturalizados, abrindo a possibilidade de flexibilizá-los e provocando pequenas aberturas em modos de existir enrijecidos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia da Saúde; Espaço Público; Ação Política

DIALOGUES IN THE WAITING ROOM: THE POLITICAL STRENGTHENING OF THE PUBLIC SPACE

ABSTRACT: The concept of prevailing policy in the modern world is crossed for a bureaucratic institutionalization and by the consequent detachment of the daily lives of people and their relationships. The present research searches in the Hannah Arendt's concepts an analysis of conversation wheels snippets of health promotion held in the waiting room of a Basic Health Unit of an inner city of Minas Gerais, offering alternative vision of politics and thinking it as inseparable from the public space and the relations present in it. Think about dialogue present in the group makes us realize how political action happens: in free dialogue of participants; in rethinking their relations; and in reflections on naturalized concepts, opening the possibility of flex them and causing small openings under ways of living that are hardened.

KEYWORDS: Health Psychology; Public Space; Political Action

1 | INTRODUÇÃO

O presente texto busca introduzir uma perspectiva que difere do que comumente conceituamos como sendo política. A partir

de Hannah Arendt temos a possibilidade de pensar ação política como atividade que surge a partir da reflexão, em um espaço que oferece chance para que todos possam compartilhar de seus modos de vida e, a partir disso, perceber que outros são possíveis.

Concordamos com outros autores ao pensar no espaço público como lugar de acontecimento da ação política e trazemos, por isso, a sala de espera de uma Unidade de Saúde Básica da Família de uma cidade do Triângulo Mineiro para pensar como aquele lugar pôde ser suscitador desse movimento. No capítulo da metodologia, explicamos a construção das rodas de conversa realizadas naquele espaço, a escolha de uma das rodas para trazer nesse texto e a forma como a análise da roda a partir da teoria aqui esboçada foi realizada.

Detalhamos a roda de conversa escolhida, analisamos e discutimos a mesma a partir dos conceitos de Hannah Arendt na sessão de análise e discussão, que apresentamos com trechos dos diálogos entre os participantes da roda e das intervenções realizadas pelas coordenadoras da mesma, e em seguida realizamos uma conclusão, explicitando o que pensamos ter sido mais importante no decorrer do trabalho, como também o que ainda pode ser estudado.

2 | AÇÃO POLÍTICA E ESPAÇO PÚBLICO

Ao olharmos para nossa sociedade de uma forma generalizada, pouco analítica e superficial, podemos ter a impressão de que vivemos em comunidades despolitizadas. Essa percepção se deve ao modo de vida social moderno em que o conceito de política está relacionado às atribuições administrativas do Estado, que instrumentaliza, valoriza e assegura a vida privada das pessoas, em uma inversão de valores onde a esfera privada ganha uma dimensão pública, e a política passa a ser uma função do Estado. Assim, as decisões são transportadas da esfera pública para o sistema político e as pessoas limitam-se a influenciar as ações tomadas pelos centros de poder (VALLADARES, 2009).

A sociedade mantém, assim, uma relação naturalizada entre o público e o privado e, portanto, entre sua própria existência e a política: um panorama ahistórico e descontextualizado em que não se sabe de onde vem essa inversão de valores ou sequer ela é reconhecida, bem como sua superação não é vista como possibilidade.

Ao não poderem pensar sobre sua própria constituição social, cultural e histórica, os sujeitos também não podem se perceber como possíveis autores de sua vida e conseqüentemente não encontram outras possibilidades de vivê-la, condição que para Arendt (1999) constitui um espaço que não é um espaço político, apesar de ser comumente percebido como tal.

Para a autora, um espaço que seja político precisa primeiramente estar destituído de relações de poder, de domínio. Contrariando a visão moderna e institucionalizada

e pensando em uma política do cotidiano humano, não deve haver quem dê ordens e quem obedeça, nem um governante e um governado, mas o diálogo (LARRAURI, 2000).

A relação política a partir dessa visão, portanto, é aquela que acontece em um lugar comum, justamente no espaço público, na partilha de variados pontos de vista, onde nenhum saber tem mais validade, os conhecimentos são distintos, ou mesmo antagônicos, e por isso abrem novos caminhos e possibilidades de reflexão. Ao refletirmos sobre o naturalizado, aquilo que parecia óbvio passa a ser questionado por nós mesmos e a partir da atividade de pensar nessas questões, aberturas vão sendo possibilitadas. Pensar produz desconfiança com relação às crenças comuns e ao que é dito ser verdade.

O propósito político, ainda, não pode ser o de se chegar a outras verdades, pois isso enrijeceria novamente as reflexões produzidas no espaço público através das diferenças, gerando conceitos fechados em si mesmos e que impossibilitam, por isso, que sejam pensados em sua construção histórica e social: “Arendt retira a autoridade da verdade em todos os territórios que tratam das relações humanas, justamente porque a verdade rejeita o debate, que é a própria essência da política” (LARRAURI, 2000, p.12).

Indo mais adiante no pensamento de Hannah Arendt, podemos perceber que a atividade política não se resume ao pensar por si só e que a liberdade não se garante a partir dessa tomada de consciência sobre o processo de construção do nosso modo de vida. Toda e qualquer atividade também não podem ser chamadas de ações políticas, caso não permitam aberturas em relação a conceitos enrijecidos na vida das pessoas.

Em seu livro *A Condição Humana* (1999), a autora afirma a existência de duas atividades humanas relacionadas a necessidades terrenas e que, ainda que sejam atividades, não são ações políticas por não garantirem a liberdade: o labor e o trabalho. A primeira corresponde aos processos biológicos do ser humano, a segunda ao desenvolvimento dos mesmos através da satisfação das necessidades do corpo. Por estarem ligadas a processos naturalizados como pertencentes ao humano, portando, não permitem o diálogo e a reflexão.

Segundo Valladares (2009), a ação é uma intervenção no mundo exercida diretamente entre os homens, capaz de fazer fluir a liberdade e instaurar o novo. Retomamos, então, a inseparabilidade entre a vida política e a vida social do homem, em que a ação política é colocada em prática nas relações humanas a partir dos debates e dos diálogos que tem lugar no espaço público (LARRAURI, 2000).

O filósofo Sócrates deu início à reflexão de que essa ação política se faz na vida cotidiana. Ele se utilizava do espaço público para instaurar dúvidas com suas perguntas sobre palavras comuns ao dia-a-dia, objetivando não uma resposta, mas a reflexão, produzindo movimento quando se relacionava com o outro através de questionamentos sobre significados que pareciam evidentes e, para, além disso,

possibilitava ao sujeito que questionava “pensar por si mesmo” (LARRAURI, 2000). Sócrates mostra que o pensamento e a ação não podem estar em contradição e que “uma vida sem exame, sem reflexão, não vale a pena ser vivida” (VALLADARES, 2009, p. 20).

Para Valladares (2009) é o espaço público que proporciona a visibilidade, a ação conjunta, e valoriza a pluralidade humana. Essa esfera se constitui pela comunicação, pelo discurso, e é centralidade no pensamento arendtiano, já que é nela que a autonomia e a interação pela ação e pelo discurso, indispensáveis à vida política, acontecem. É nesse lugar que as diferenças entre as pessoas podem aparecer, provocando reflexões no modo como cada uma delas percebe o mundo e em lugar do controle dessas diferenças, a tentativa é de debatê-las.

3 | A SALA DE ESPERA COMO ESPAÇO PÚBLICO: A CONSTRUÇÃO DAS RODAS DE CONVERSA

A experiência que relatamos nesse artigo tem como espaço público uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) de uma cidade do interior de Minas Gerais e mais especificamente o espaço de sua sala de espera. Os usuários do serviço em questão passam o seu tempo de espera em um espaço pequeno, enfileirados de frente para a televisão ou espalhados por outros cantos da sala em conjuntos de cadeiras. Apesar da proximidade forçada pela disposição das cadeiras, pelo tempo de espera, pela região em que vivem, pelas dificuldades e facilidades do dia a dia na UBS, e a despeito de várias outras aproximações, o relacionamento entre estas pessoas parece ser distante, restrito a conversas sobre o atendimento na unidade.

É nesse ambiente que buscamos potencializar uma série de reflexões e debates e promover saúde, através de rodas de conversas semanais. Diferentemente das palestras que costumam acontecer como atividades de sala de espera, a roda de conversa aqui abordada propõe uma relação mais horizontal, de promoção da saúde a partir do diálogo.

A formação da roda tem início com a apresentação das coordenadoras, que convidam os usuários para uma conversa e sugerem a mudança na disposição das cadeiras. Formado o círculo, todos se apresentam e uma das coordenadoras da roda apresenta um recurso estético disparador do diálogo: imagens, poemas, contos, músicas...

O recurso estético é utilizado na tentativa de que provoque nos organismos uma reação diferente da habitual, já que entendemos a arte como objeto que atravessa a subjetividade do indivíduo, criando algo novo, inesperado a ele, por movimentar as emoções e processos psicológicos que o constituem e produzir outros. A estética relaciona-se com a vivência da arte, sendo transformador na medida em coloca o sujeito em uma posição diferente e sensível diante de sua própria realidade e da

forma como ele se relaciona com ela (VIEIRA, DIAS & PEREIRA, 2016).

Fazemos, então, uma pergunta disparadora: “O que vocês sentiram enquanto viam/ouviam o recurso?” e a conversa tem início.

A partir das falas que são produzidas na roda, as – coordenadoras questionam e juntamente com os participantes produzem reflexões sobre seu cotidiano, seu trabalho e suas relações. O tempo de duração da roda varia de acordo com o grupo formado, ou a própria rotina da UBSF, que, como já foi dito, exige flexibilidade e sensibilidade na construção da conversa.

Ao oferecer contato com um recurso disparador os coordenadores da roda procuram escutar mais o que aqueles sujeitos têm para dizer e produzir perguntas reflexivas a partir das falas que surgem no intuito de fazer com que o cotidiano daquelas pessoas seja minimamente pensado por elas.

As rodas de conversa acontecem nesta unidade de saúde há três anos com grupos abertos e número de participantes variado, contando na maioria das vezes com um número de 10 a 15 usuários do serviço.

A roda de conversa escolhida para estar nesse texto o foi pela possibilidade de reflexões que os diálogos nela produzidos oferecem acerca justamente do conceito naturalizado de política, atrelado, à educação, preconceito e a outros temas que perpassam esse assunto.

Ao analisar o discurso trazido nessa roda, entendemos que seu produto é inacabado, ou seja, é eternamente influenciado por quem o analisa, contendo, portanto, resquícios também do nosso contexto e da nossa história, em um processo de aproximação e distanciamento mútuos em relação a essa experiência, que é dialógica e que, assim sendo, reflete tanto a nós como àqueles autores com quem dialogamos em uma pluralidade de vozes que a constituem em um todo (AMORIM, 2004).

Entendemos, ainda, que os enunciados produzidos nessa roda, como qualquer outro enunciado concreto, nunca estão dissociados dos contextos dos sujeitos que o produzem e da estrutura social em que todos estamos inseridos, estando o diálogo, portanto, carregada de uma ideologia e percebemos que as falas da roda não são despretensiosas, já que qualquer enunciado intenciona dizer algo (BAKHTIN, 1993).

4 | A POSSIBILIDADE DE AÇÃO POLÍTICA EM UMA CENA

Esta roda foi conduzida por duas coordenadoras. A coordenadora 1 chamou as pessoas presentes na sala para desligarem a televisão e formarem uma roda com as cadeiras a fim de iniciar a conversa. A maioria das pessoas se prontificou e após a formação da roda o recurso disparador foi apresentado: imagens de Pedro Medeiros¹ do ensaio Mercadoria Humana, que representa várias mulheres e um

1. http://expresso.sapo.pt/blogues/blogue_novos_escravos/mercadoria-humana=f671220#gs.5oZaqqU acesso em 26 de Maio de 2018

homem sendo expostos como se fossem mercadorias, seus corpos em armário de verduras, em uma balança, e no freezer junto a outras carnes.

As pessoas passaram as imagens de mão em mão, observando-as, cada uma a seu tempo e quando acabaram a coordenadora 1 pediu para todos se apresentassem e contassem o que sentiram ao ver as imagens. Apesar de não serem apenas estes os presentes, aqui destacamos as falas de Chico, Elis, Cássia, Ney, Vinícius e Zélia, todos nomes fictícios.

Primeiramente, os rumos que a conversa toma deixam claros que o recurso afeta cada sujeito de diferentes maneiras e que a experiência caminha pela singularidade das relações e não para onde as coordenadoras planejam. A roda também possibilitou que, para além dos assuntos pessoais que surgiram, discussões gerais e ampliadas fossem realizadas, permitindo que os usuários do serviço (re) pensassem suas relações e o modo como elas são construídas. Além disso, a conversa se encerra tratando justamente de política, com debate e reflexões sobre esse conceito e sua prática.

A conversa tem início com Zélia associando as imagens à solidão, por causa de uma fotografia que mostrava uma mulher presa. Logo Chico liga a solidão ao preconceito:

Chico: O preconceito leva à solidão. Eu sou epilético e minha mulher (aponta a mulher ao lado) é albina e já sofremos muito preconceito juntos e separados, até da nossa própria família, principalmente na dela. Só conseguimos superar o preconceito e a solidão porque nos encontramos.

Coordenadora 1: Pensando um pouco na origem da palavra preconceito, que é julgar antes de conhecer, o pré-conceito, de onde vocês acham que ele vem?

Chico: Vem da educação que os pais dão para seus filhos.

Elis: Algumas pessoas não aceitam o diferente.

Coordenadora 2: Mas é fácil não julgar o diferente?

Elis: Não.

Chico continua a conversa contando de uma infância difícil e do preconceito dos próprios pais, mas acreditando que é necessário sempre perdoar os erros daqueles que amamos.

Chico: Quem ama, perdoa.

Coordenadora 1: Mas temos realmente que ficar perto das pessoas que nos fazem mal?

Cássia: Isso não é fácil de fazer, principalmente porque mesmo quando queremos perdoar, as pessoas não costumam assumir seus erros.

Coordenadora 1: Por que é tão difícil admitir os erros?

Vinícius: Por egoísmo.

Coordenadora 2: O que é o egoísmo? De onde ele vem?

Vinícius: É quando, por exemplo, o vizinho tem um carro que eu não tenho e eu quero muito ter para mim, vem da inveja.

Coordenadora 1: O que é essa inveja?

Cássia: Hoje em dia não se divide mais nada com ninguém, antes tudo era baseado na união, quando as pessoas moravam na roça.

Coordenadora 1: Será que isso não pode ter a ver com as propagandas na televisão?

Chico: Tem a ver com a tecnologia.

Cássia: Estamos ficando individualistas.

Coordenadora 1: Mas a tecnologia não pode ser usada também para aproximar?

Chico: Afasta mais, o pior está por vir e isto está escrito na Bíblia, não sou eu quem está falando.

Coordenadora 1: Mas então não podemos melhorar nossas relações?

Chico: Temos que começar dentro de casa.

Cássia: A televisão também mostra o que quer, mostra só tragédias e acreditamos nela, mas tem coisas boas no mundo também.

Nesse momento, Chico aponta para a televisão que mostrava uma reportagem com uma família muito pobre.

Até aqui, podemos perceber a partilha de variados pontos de vista. Chico, Elis, Vinícius e Cássia conversam sobre o que entendem acerca de algumas questões cotidianas. Nesse momento da roda, já notamos que há um diferencial em relação ao modo como normalmente essas pessoas expressam suas opiniões fora daquele espaço: na roda de conversa nenhum saber tem mais validade, e a intervenção das coordenadoras tem o sentido de mediar à relação para que seja dessa forma.

As reflexões sugeridas pelas coordenadoras também possibilitam que conceitos naturalizados sejam repensados: o conceito de preconceito e de inveja, por exemplo, são radicalizados até que se pense como foram construídos e os participantes cheguem a concluir que a tecnologia pode ser causa de ambos. Aberturas já começaram a ser produzidas, portanto, quando premissas que pareciam óbvias passaram a ser questionadas, em um movimento socrático de produzir desconfiância em relação ao que é dito verdade.

Como o propósito político, no entanto, não é o de se chegar a outras verdades, as coordenadoras propõe o questionamento, ainda, da tecnologia como raiz dos problemas identificados pelos participantes da roda. O grupo prossegue, então, e toma os rumos de uma conversa sobre políticas públicas, direitos humanos e educação.

Coordenadora 1: Existe realmente certa burocracia para conhecermos nossos direitos. Nós os conhecemos?

Cássia: Não aprendemos quais são nossos direitos, isso deveria ser feito na escola.

Coordenadora 1: Mas por que o governo não investe em educação?

Chico: Se as pessoas aprenderem a pensar, vão questionar o governo.

A reflexão nesta cena parte da percepção dos sujeitos de que há a necessidade

de uma reconfiguração social. Eles estão pensando sobre o modo como as relações políticas modernas são construídas e sobre o controle que o governo exerce sobre a população.

Nessa parte da roda de conversa, inicia-se uma reflexão sobre o funcionamento da política burocrática, daquela que representa o controle do Estado sobre a vida das pessoas, nesse caso, sobre a educação. Abre-se, portanto, possibilidade de reflexão sobre a construção do que é percebido como política e, de forma mais ampla, esse movimento pode significar uma fissura em algo muito bem firmado como verdade absoluta: a forma como nossa sociedade funciona.

A interrupção desse *modus operandi* de viver uma vida sem reflexão e de não pensar o jeito como a política se insere no cotidiano das pessoas é fagulha para o que estamos chamando de ação política, sendo que a liberdade é inerente à ação (VALLADARES, 2009). Os homens quando agem estão dando início a algo novo, daí a ação se apresenta como o princípio de alguma coisa que interrompe o processo ordinário, naturalizado, da vida cotidiana.

Em seguida, Chico começa a falar sobre como as pessoas não querem entender sobre política e pergunta às coordenadoras sobre um termo específico relacionado ao governo. Quando respondemos que não sabemos o que significa, ele diz:

Chico: Estão vendo? Vocês estudam, mas não entendem de política.

Coordenadora 1: Mas o que é política para você?

Chico: A política é o que governa nosso dia-a-dia.

Coordenadora 1: A roda de conversa é um espaço político?

Nesse momento, Chico e Cássia respondem concomitantemente e respectivamente “não” e “sim”.

Cássia: É política sim, porque estamos dialogando sobre nossa vida e isso é político.

Chico tenta discordar, mas Cássia o interrompe:

Cássia: Nossa conversa passa para outras pessoas, que passam para outras e assim por diante.

Nesse momento, a conversa atinge um patamar extremamente potente, pois parte de uma oposição de ideias, que mesmo assim tem lugar de acontecer. Retomamos, então, que é no espaço público de fato, como na roda de conversa, que os sujeitos tem espaço para dizerem e serem ouvidos em suas diferenças mesmo que elas sejam extremas. Por sua vez, o compartilhar de ideias opostas faz com que um oferte ao outro uma visão diante da realidade que esse outro ainda não tinha, possibilitando, por sua vez, que esse conjunto de pessoas perceba que não existe uma só possibilidade de posicionamento diante dessa realidade (o que antes estava naturalizado), mas sim, que esse posicionamento é construído socialmente, culturalmente e que faz parte da história de vida de cada um. É fundamental, então, que exista o debate para nos darmos conta do processo de construção histórico, social e cultural de nossa existência.

O debate assume um lugar importante, oposto a conclusões absolutas e rígidas, a divergência de opiniões e a escuta e discussão de diversos pontos de vista, possibilitam que as falas sejam postas em dúvida. Quando Cássia compartilha sua opinião sobre aquele espaço ser político com o público da sala de espera, pode provocar, senão a completa desestabilização, a reflexão sobre o pensamento de que a política não se reduz apenas à parte institucionalizada do governo. Quando Cássia insiste em contar sua compreensão sobre o espaço político da roda de conversa, ela está dizendo que a política serve ao cotidiano, que ela se encontra entre as pessoas e nas relações das mesmas, no diálogo entre elas.

Abriu-se espaço, ainda, nessa roda de conversa, para a desnaturalização das relações sociais e dos lugares que os diversos sujeitos ocupam, destacando o papel da mídia e da tecnologia nessa construção, bem como na contribuição ao individualismo.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS: DAS RODAS DE CONVERSA À PROMOÇÃO DE SAÚDE

Desde a apresentação do recurso estético, fica claro para nós o quanto os sujeitos se relacionam com as imagens de maneira a se apropriar da realidade concreta que elas trazem de forma singular. Essa roda de conversa ofereceu espaço para discussões estruturais que permitiram aos usuários do serviço a reflexão sobre como suas relações interpessoais são afetadas por esse contexto, em que a conversa trata, em um momento, sobre política e sobre como ela está presente no cotidiano daquelas pessoas, abrindo brechas para novos posicionamentos em relação a si mesmos, à suas relações e aos espaços em que vivem.

Os sujeitos têm seus cotidianos voltados principalmente para a satisfação de suas necessidades e desejos singulares. Normalmente, os comportamentos que os levam a isso não são por eles mesmos pensados como uma construção da cultura e coletividade em que estão inclusos, mas sim são ações naturalizadas pelo funcionamento estrutural de nossa sociedade. Estas ações, então, ocorrem pela reprodução, pela repetição de experiências e pela massificação das singularidades. No entanto, os sujeitos possuem a capacidade de transformação da lógica vigente, rompendo com os padrões já estabelecidos e engendrando a novidade. É essa abertura dos comportamentos enrijecidos que propicia a ação política, por romper com as verdades pré-estabelecidas, por meio da reflexão sobre elas.

Segundo Arendt (1999, p.59) “aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos constitui a realidade”, que se firma enquanto tal quando é compartilhada, transformada e coletivizada na relação grupal. O espaço do grupo é para nós, o espaço para a promoção da saúde, uma vez que pensar sobre as relações e sobre o modo como se está no mundo, desnaturalizando-os, oferta aos sujeitos a

possibilidade de criar, de intervir e provocar mudanças.

É ao afirmarem sua forma de existência em um espaço que os sujeitos procuram dizer e exigem ser ouvidos (MAHEIRIE *et al.*, 2012), constituindo teias de relações que constroem o grupo sempre em movimento, em uma perspectiva de produção e ação.

O grupo aqui proposto, diferentemente do que na maioria das vezes é ofertado nos serviços de saúde, se constitui enquanto espaço de diálogo horizontal. Com o recurso disparador a conversa toma os rumos desejados pelos usuários do serviço, segundo o que mais lhes afeta na experiência e, ao falarem de si, de suas histórias singulares, podem se reconhecer na história do outro. Nesse espaço de diálogo singular e coletivo se relacionam, e o discurso sobre si e sobre as relações é (re) construído.

Podemos dizer, então, que cada vez que um sujeito questiona seu cotidiano, consegue promover saúde, pela ampliação de perspectivas, em um processo auto reflexivo, um processo de singularização e coletivização, um processo político. Nesse sentido, o recurso disparador o papel da coordenação com as perguntas reflexivas e a abertura ao diálogo, são mediadores da ação política, servindo como possibilidade de ampliação de perspectivas.

Se encontrar com o outro, ouvi-lo e estar frente a ele possibilita o questionamento de verdades antes petrificadas, produz um ato político.

Ao associarmos este espaço de relações ao espaço público da saúde, podemos pensar em sua potencialidade política. Instigando a reflexão nos lugares que permeiam a saúde pública, temos uma descentralização da mesma enquanto instituição que se dá à margem da população. Saímos do espaço dos serviços de saúde em que o foco se dá no individual e nos dirigimos a uma perspectiva de transformação deste espaço.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Chicago, Illinois: Forense Universitária, 1999.

BAKHTIN, M. M. *La construccion de laenunciacion*. Trad. Ariel Bignami. Barcelona: Anthropos, 1993.

LARRAURI, M. *A Liberdade segundo Hannah Arendt*. São Paulo, SP: Ciranda Cultural, 2000.

MAHEIRIE, K. et al. *Coletivos e relações estéticas: alguns apontamentos acerca da participação política*. In C. MAYORGA; L .R. CASTRO; M. A. M. PRADO; M. A. M. (Orgs.), *Juventude e a experiência da política no contemporâneo*, . Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa Livraria Ltda, 2012. p. 143-167.

VALLADARES, C. *A Esfera Pública e a Política segundo Hannah Arendt*. 2009. 60. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação do Centro de Formação e Aperfeiçoamento Câmara dos

Deputados, Brasília, DF, 2009.

VIEIRA, A. P. A., DIAS, C. N., PEREIRA, E. R. “Dá Até pra Fazer Poesia”: O Recurso Estético Disparando Reflexões e Potência. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 8, n. 2, p. 55-56, 2016.

SOBRE O ORGANIZADOR

BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO- Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2005), com especialização na modalidade médica em Análises Clínicas e Microbiologia (Universidade Candido Mendes - RJ). Em 2006 se especializou em Educação no Instituto Araguaia de Pós graduação Pesquisa e Extensão. Obteve seu Mestrado em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto de Ciências Biológicas (2009) e o Doutorado em Medicina Tropical e Saúde Pública pelo Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (2013) da Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutorado em Genética Molecular com concentração em Proteômica e Bioinformática (2014). O segundo Pós doutoramento foi realizado pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Aplicadas a Produtos para a Saúde da Universidade Estadual de Goiás (2015), trabalhando com o projeto Análise Global da Genômica Funcional do Fungo *Trichoderma Harzianum* e período de aperfeiçoamento no Institute of Transfusion Medicine at the Hospital Universitätsklinikum Essen, Germany. Seu terceiro Pós-Doutorado foi concluído em 2018 na linha de bioinformática aplicada à descoberta de novos agentes antifúngicos para fungos patogênicos de interesse médico. Palestrante internacional com experiência nas áreas de Genética e Biologia Molecular aplicada à Microbiologia, atuando principalmente com os seguintes temas: Micologia Médica, Biotecnologia, Bioinformática Estrutural e Funcional, Proteômica, Bioquímica, interação Patógeno-Hospedeiro. Sócio fundador da Sociedade Brasileira de Ciências aplicadas à Saúde (SBCSaúde) onde exerce o cargo de Diretor Executivo, e idealizador do projeto “Congresso Nacional Multidisciplinar da Saúde” (CoNMSaúde) realizado anualmente, desde 2016, no centro-oeste do país. Atua como Pesquisador consultor da Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG. Atuou como Professor Doutor de Tutoria e Habilidades Profissionais da Faculdade de Medicina Alfredo Nasser (FAMED-UNIFAN); Microbiologia, Biotecnologia, Fisiologia Humana, Biologia Celular, Biologia Molecular, Micologia e Bacteriologia nos cursos de Biomedicina, Fisioterapia e Enfermagem na Sociedade Goiana de Educação e Cultura (Faculdade Padrão). Professor substituto de Microbiologia/Micologia junto ao Departamento de Microbiologia, Parasitologia, Imunologia e Patologia do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) da Universidade Federal de Goiás. Coordenador do curso de Especialização em Medicina Genômica e Coordenador do curso de Biotecnologia e Inovações em Saúde no Instituto Nacional de Cursos. Atualmente o autor tem se dedicado à medicina tropical desenvolvendo estudos na área da micologia médica com publicações relevantes em periódicos nacionais e internacionais. Contato: dr.neto@ufg.br ou neto@doctor.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abrigo de idosos 27

Ação Política 116

Ácido fólico 43

Adiposidade Abdominal 291

Adoecimento 311, 324, 330

Agente penitenciário 185

Alimentação escolar 217

Assessoria 217, 264

Atenção Básica 141, 149, 244, 246, 252, 253

Avaliação 42, 62, 71, 72, 73, 83, 91, 115, 158, 184, 202, 203, 208, 269, 270, 276, 282, 293, 322, 330, 332, 379

B

Bem-estar 27

C

Cálcio 68, 267, 276

Câncer de mama 160, 170

Capacitação em serviço 217

Comissão de Licitação 324

Comprimidos 56, 58, 62

Crack 7, 17

Creatina quinase 273

Cultura Corporal 139, 148, 150

D

Dano muscular 267

Dependência Química 7, 26

Desenvolvimento de produtos 105

Disbiose Intestinal 128, 131, 137

Doenças ocupacionais 301

E

Educação Física 40, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 246, 277, 324

Embriogênese 43

Enfermagem 3, 4, 6, 82, 95, 114, 159, 160, 169, 172, 223, 224, 225, 233, 234, 235, 265, 301, 311, 312, 322, 335, 357, 360, 361, 362, 366, 381

Envelhecimento 27, 41, 209
Equipe multiprofissional 92
Esgotamento Profissional 313, 315, 316, 317, 318, 321, 332
Espaço Público 116
Estratégia Saúde da Família 311, 357
Estresse 10, 238, 254, 259, 265, 311, 335
Estresse oxidativo 238
Exercício 267

F

Feminino 32, 68, 234, 317, 332, 369
Fibromialgia 151, 152, 158
Fisioterapia 1, 3, 4, 381
Força da mão 197

G

Genéricos 56
Gestão 71, 72, 172, 178, 179, 183, 195, 223, 253, 265, 324, 335
Grupos 92, 102, 331, 332

H

Hospital 1, 3, 4, 16, 29, 92, 159, 160, 213, 381
Humanização 92, 93, 101, 265

I

Identidade de Gênero 224
Idoso 95
Internação Compulsória 7

L

Lactato desidrogenase 273
Lei nº. 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) 337
Licença médica 313

M

Macronutrientes 64
Magnésio 267, 280, 285, 289
Masculino 32, 68, 224, 317, 332
Microbiota 128, 130, 136

Micronutrientes 64, 68

Motivação 233, 254

O

Obesidade 73, 280, 291

Obesidade abdominal 280

P

Passiflora edulis f. Flavicarpa 105

Perda auditiva 212

Pizza 105

Planejamento de cardápio 64

Prazer 321, 324, 328, 330, 331

Preceptoria 1, 2

Presbiacusia 237

Probióticos 128, 133, 135, 136, 137, 138

Programa Academia da Saúde 244, 247, 248, 252, 253

Programa Saúde na Escola 139, 140, 141, 144, 145, 148, 150

Promoção da Saúde 98, 140, 145, 244, 246, 252, 253

Psicologia da Saúde 102, 116

Psicologia Social Crítica 337, 339, 340, 341, 342, 349, 353, 354

Q

Qualidade de vida 30, 40, 41, 51, 158, 160, 170, 254, 255, 263, 264, 265

R

Residência Multiprofissional em Saúde 1, 2, 3, 4, 6, 94

Resíduos Sólidos Urbanos 172, 175, 179

S

Saúde 2, 5, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 27, 29, 40, 41, 43, 45, 51, 53, 55, 66, 71, 76, 82, 83, 93, 94, 98, 101, 102, 114, 116, 117, 119, 126, 127, 129, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 154, 155, 158, 159, 160, 162, 170, 172, 184, 195, 209, 210, 211, 222, 226, 227, 236, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 252, 253, 255, 257, 265, 269, 270, 274, 276, 282, 293, 301, 303, 311, 312, 313, 314, 321, 322, 323, 335, 344, 349, 357, 358, 359, 361, 362, 363, 367, 368, 369, 371, 378, 379, 380, 381

Saúde da Mulher 160

Saúde do trabalhador 301, 313

Saúde mental 301, 335

Síndrome 47, 151, 194, 313, 315, 316, 317, 318, 320, 321, 322, 323

Sufrimento 195, 324, 328, 330, 331

SUS 5, 2, 3, 4, 6, 13, 14, 17, 92, 93, 94, 98, 101, 145, 162, 170, 245, 246, 247

T

Tecnologia Aplicada à Farmácia 56

Trabalhador 72, 254, 260, 311

Transtorno do espectro autista 43

Transtornos Mentais 44, 187, 194, 260, 369, 370

V

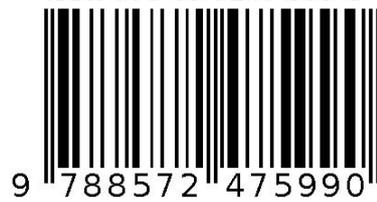
Violência de Gênero 337

Violência Doméstica 357

Z

Zinco 291, 297

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-599-0



9 788572 475990